



DOI: <https://doi.org/10.26694/cadpetfilo.v15i30.6330>

HERMENÊUTICA DA EDUCAÇÃO: GADAMER E A AFIRMAÇÃO ‘A EDUCAÇÃO É EDUCAR-SE’

Hermeneutics of education: Gadamer and the statement ‘education is self-education’

Carliane Cruz Medeiros¹

RESUMO

O presente estudo está organizado em três momentos: o primeiro, apresentar a interligação entre hermenêutica e educação a partir de uma filosofia da educação, que se concretiza em uma perspectiva básica que traz à tona conceitos básicos que envolvam o sentido de compreensão. O segundo, analisamos os conceitos de educar-se e formar-se como pontos nucleares que caracterizam uma hermenêutica da educação. Em um terceiro momento, enfatizamos uma pedagogia do altruísmo de Gadamer como possibilidade de compreensão da educação e como modo de prática educativa.

Palavras-chave: Hermenêutica; Educação; Compreensão; Gadamer.

ABSTRACT

This study is organized into three parts: the first is to present the interconnection between hermeneutics and education from a philosophy of education, which is embodied in a basic perspective that brings to light basic concepts involving the sense of understanding. The second is to analyze the concepts of educating oneself and forming oneself as core points that characterize a hermeneutics of education. In a third part, we emphasize Gadamer's pedagogy of altruism as a possibility of understanding education and as a mode of educational practice.

Keywords: Hermeneutics; Education; Understanding; Gadamer.

¹ Graduanda em filosofia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI e bolsista do PET-Filosofia UFPI.
E-mail: medeiroscarli14@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apontar a importância de uma hermenêutica da educação para uma filosofia; e, mais ainda, esclarecer como a hermenêutica de Gadamer contribui para dar sentido ao trabalho docente. Esse artigo possui uma reflexão introdutória acerca da hermenêutica tratando as dimensões da educação, em que seu caráter é estritamente bibliográfico. Não é nossa finalidade falar de hermenêutica enquanto metodologia filosófica, mas é de nosso interesse abordar o problema da compreensão diante de uma filosofia da educação. Isto é, tematizaremos a compreensão pelo viés ontológico, como idiocrasia elementar da existência humana, que lança questionamentos sobre o conceito de educação e formação.

Veremos também a forma como a hermenêutica rejeita uma visão científica e tecnocrática da educação, onde a mesma é compreendida como ampliação das bases epistemológicas para pensar o sentido de formação e como o processo de educar se concretiza por meio da linguagem. Onde também ressurgem o conceito de diálogo como pressuposto de que educar implica abertura ao outro e ao mundo. Nesse sentido, a hermenêutica nos mostrará uma polissemia e multiplicidade de sentido em que a educação é processo histórico e cultural. Em que o sentido de educação aparece como inesgotável e sujeito à dimensão linguagem-tempo.

Vale lembrar que faremos alguns aportes historiográficos de caráter introdutório em relação à hermenêutica, mas não deveremos desenvolver ou apresentar essa perspectiva histórica de forma abrangente. Nosso objetivo é apresentar uma ligação entre hermenêutica e educação, trazendo para a discussão Gadamer e a afirmação de “a educação é educar-se”, esclarecendo em primeira instância o diálogo entre hermenêutica e educação. Em um segundo momento tentaremos discutir os conceitos de educar-se e formar-se em Gadamer. Em um último momento falaremos de uma pedagogia do altruísmo que se apresenta de forma profunda na perspectiva hermenêutica.



FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: HERMENÊUTICA E EDUCAÇÃO DIALOGAM

A hermenêutica antes de dialogar com a educação dialoga com o político. Nesse sentido há um ciclo de empobrecimento que é político, que gera um empobrecimento epistêmico e que gera novamente um empobrecimento político, uma espécie de ciclo. Por esse motivo, quando dizemos que hermenêutica e educação dialogam, trata-se de uma implicação inescapável do político.

Dessa forma, antes de falarmos de educação propriamente dita, faz-se necessário explicar o conceito de epistemologia. O que compreendemos por epistemologia tem como núcleo a ideia de que é um constructo teórico de caráter linguístico que se ocupa de nossa definição de saber e dos conceitos relacionados entre si que tenhamos das fontes de critérios pessoais e coletivos dos diferentes tipos de conhecimento possíveis e dos contextos em que cada um deles está inserido, dentro da relação exata entre aquele que conhece e o objeto conhecido.

Mas, o conhecimento é uma criação humana composta por fonemas. O fonema é uma imagem mental do som e, portanto, partilha a essência de nossa natureza, cujo caráter é impermanente. Usamos a palavra impermanente já que a compreensão antropológica da finitude é expressada por Gadamer e nos leva a pensar neste conceito tão interessante. A exemplificação do termo finitude é entendido como transitório - ou melhor, não é permanente - já que todas as coisas fluem, mudam. Nesse sentido, os humanos vivem na previsibilidade já que não existe nada eterno e infinito ou absoluto na vida humana.

Para Gadamer somos criaturas de linguagem e tempo, sendo também seres predicados pela finitude. Sendo, da mesma forma, obrigados a reconsiderar nossa posição no mundo, já que devemos interpretar e reinterpretar nosso passado e presente (Gadamer, 2007). Assim, para ele, somos entes comunicativos que se formam e se transformam na brevidade histórica. Vivemos imersos em experiências históricas determinadas pelo espaço, pelo tempo, a cultura, a sociedade, tradições e os diferentes elementos já impostos e outros que podem também ser constituidores de nossa condição existencial.

Nossas relações biográficas nos ajudam a compreender nossa realidade do mundo e a interpretar nossa situação ontológica particular. Da mesma maneira que enfrentar os desafios são próprios de nossa contingência.

A hermenêutica se interliga com a linguagem, porque as nossas experiências são transmitidas por palavras. As palavras são o meio de manifestação da nossa mente e a oportunidade de expressão de nosso pensamento, por meio dele somos capazes de transmitir conhecimentos com toda a clareza de nossa linguagem e a força apreensiva de nossa mente. Por isso, a compreensão para Gadamer envolve precisamente a linguagem como ente existencial facilitador da experiência hermenêutica, tendo em vista que pode efetivamente unir nossos horizontes temporais.

Todo existente, nesse sentido, pode ser reduzido à linguagem, pois, é por meio da linguagem que os seres humanos constroem o mundo. Esse mundo é moldado e articulado de acordo com nossas expressões de pensamento. Por sua vez, o pensamento existe dentro da linguagem. Da forma que podemos entendê-lo também como constructo ontológico (Gadamer, 2002).

Pois o diálogo se resume na possibilidade de experimentação da singularidade do outro e de suas experiências de mundo. E, por excelência, a educação é o lugar do diálogo, o lugar da palavra e da reflexão, que ultrapassa a apropriação dos conhecimentos para conduzir à formação pessoal (Alves, 2011).

Quando instauramos a possibilidade do diálogo, também pressupomos na hermenêutica que estamos abertos ao outro, essa abertura de horizontes permite a educação, possibilitando também a polissemia de discursos, da criatividade e da compreensão. Estamos tratando aqui de uma defesa da dimensão ética que abarca a hermenêutica.

A hermenêutica parte de uma perspectiva em que o problema da formação é o reflexo do problema da vida. Consistindo em repensar como o mundo, a cultura são formas de saberes que estruturam e compõem a própria vida em suas diversas singularidades.

Esse constructo ontológico nos permite compreender desde dentro as perspectivas que nos rodeiam e as estruturas do mundo, entendendo que só podemos falar de compreensão à medida em que falamos de experiências vivenciadas.

Por esse motivo, a educação é força cultural e histórica, em que é impossível se esgotar o seu sentido. Nossa problemática central é reconhecer que há uma racionalidade que na opera na lógica educativa e ela limita seu sentido. A hermenêutica contrapõe em primeira instância uma significação epocal que compreende a educação como processo empírico-formal. Em que as formas de saber reprimiam todo o arcabouço histórico e força



subjetiva que rodeavam o sentido de educação. Em uma segunda instância, os hermenêutas de uma forma geral lançam apreço e significação para o modo de conhecer e saber que valoriza as experiências estéticas e pela consciência histórica.

Quando falamos de diálogo entre hermenêutica e educação estamos falando de compreensão dos acontecimentos que vai além dos fenômenos e daquilo que é manifesto. A intenção é criar infinitas possibilidades de interpretação, em que os conceitos de finitude e historicidade tomam posse, pois, a verdade encontra-se imersa na dinâmica do próprio tempo e isso também significa tematizar a compreensão da experiência humana no mundo (Gadamer, 2000).

Em resumo, como apresentado acima, esta cosmovisão de uma hermenêutica da educação afirma que na transitoriedade humana a história é inevitável. Portanto, vivemos e existimos como entes imersos dentro do constante fluir das experiências do mundo e que nos constitui inevitavelmente em seres situados. Dessa forma, construímos teorias ou modelos explicativos de nossa realidade circundante, simplesmente por meio da linguagem. De uma forma geral, na linguagem e conseqüentemente na educação operam as significações e desvelamentos do mundo.

GADAMER: os conceitos de educar-se e formar-se

Educar-se e formar-se são os pilares reflexivos de sentido e dignidade para a hermenêutica da educação. É evidente que nessa construção pós-moderna, temos nos encontrado no balanceamento entre o material e o transcendental. Por meio deles somos capazes de fazermos grandes descobertas sobre o universo, porém somos incapazes de nos aproximarmos de nossos semelhantes. Podemos consertar uma estação espacial, mas dificilmente consertamos as vitrinas no terreno moral e social. Podemos fazer a cobertura na educação e estudá-la, mas aelacarece de sentido ou orientação.

Consciente desse tipo de sociedade, em 19 de maio de 1999 Gadamer sustenta uma conversação, nomeada de “a educação é educar-se” na qual fala sobre dois termos importantes: educar-se e formar-se. Iremos explicar um pouco sobre cada um deles.

Educar-se é uma palavra que necessariamente atua como um núcleo de caráter reflexivo, possui um sentido de autossuperação e responsabilidade pessoal. Cada um de nós possui o dever de se edificar, de se construir e de auto potencialização. Direcionando nosso

maior esforço onde sabemos que possuímos potencialidades e dificuldades. Que conscientemente temos a previsão de não as abandonar em mãos estranhas, que por mais bem intencionadas que sejam não contribuirão para a auto edificação.

Estamos dizendo que cada um de nós educa a si mesmo, porque aprendizagem é um processo que se desenvolve de maneira autônoma e individual. Para além disso, educar-se é também uma palavra que implica o sentido de coletividade, precisamos de outros para nos inter-relacionar, para compartilhar, referenciar e para viver (Gadamer, 2000). Nesse segundo sentido, educamo-nos a nós mesmos quando nos encontramos e comunicamos com os demais, os quais já estão presentes em nossa experiência de vida e de aprendizagem permanente.

Neste processo a linguagem é o meio comum que nos une e que também nos diferencia. A construção de mundo da escola se circunscreve, então, ao mundo da linguagem, da conversação e do sentido que damos à ela dentro do contexto da aprendizagem. Por esta razão a filosofia hermenêutica pode nos orientar no âmbito da educação, ajudando a compreender o papel que desempenhamos em nosso educar cotidiano.

Assim, educar-se é pensar dimensões e fazer-se, neste sentido, usando o meio comum para comunicar mais claramente os objetivos. Por isso, devemos aprofundar a tarefa do professor, a extensão da escola e o sentido da docência.

Em alemão, o termo “Bildung” indica a formação e está estreitamente interligada com nossas ideias de ensinamento, aprendizagem e competência pessoal. Devemos recordar que a referência da cultura que pode definir as pessoas como resultado de sua formação nas transformações geradas pelos conteúdos aprendidos desde sua realidade imediata. De outra maneira, podemos falar de uma referência ao processo pelo qual se adquire a cultura como patrimônio pessoal ou conjunto de suas experiências de aprendizagem. Pois, formar-se é ampliar o horizonte próprio. Desta maneira, para Gadamer, podemos entender que o conceito de “Bildung” não existe em isolamento, mas que se dá pela relação entre “Geist” ou espírito e “Fribeit” ou liberdade, entendendo que sobre essas bases poderia repousar uma pedagogia com o sentido de humano (Flickinger, 2003).

Como já vimos, Bildung é formar-se a si mesmo dentro do mundo dos valores objetivos, é um processo autoformativo. A partir do qual nos consolidamos como seres emancipados, capazes de criar uma ética dialógica, onde essa ética implicaria a passividade



de compreensão por meio da linguagem. Mas, compreender é aprender e, em consequência, é captar o sentido de determinada realidade em que nos encontramos imersos. Bildung é formar-se no cultivo das capacidades humanas dentro do contexto da educação que dar forma às disposições naturais da pessoa de maneira integral.

A formação não pode ser o verdadeiro objetivo, somente pode ser baseada em uma autorreflexão do educador. Por isso, a formação vai além de um mero cultivar capacidades prévias, pois cultivar uma disposição é desenvolver algo dado. Assim, o exercício e cuidado da formação é um simples meio para chegar a um fim. Para uma hermenêutica da educação, a formação tem algo de pessoal e individual ou melhor de autoformação, atitude que se canaliza através de um processo de auto interpretação que sempre permanece aberto a novas compreensões.

Reviver as experiências, tanto pessoais como coletivas, constitui algo fundamental para a própria educação, porque não há pensamento sem linguagem. Reafirmamos uma educação baseada na leitura e no diálogo, porque segundo a hermenêutica da educação a verdade se canaliza pela linguagem. A linguagem constitui a condição é o limite de pensamento de maneira que a possibilidade de abertura humana depende da potência da linguagem que é a que nos permite sair e buscar o sentido de um saber transmitido.

PEDAGOGIA DO ALTRUÍSMO – O QUE É ISSO?

A visão antropológica de Gadamer se sustenta pela ideia de que somos seres plurais e dialógicos. Já vimos anteriormente que estamos situados dentro de uma dinâmica espaço-temporal que corresponde à uma tradição linguística e histórica. Ao sermos situados dentro de uma cosmovisão cultural damos ênfase à contingência de nossa linguagem e potencial narrativo que se encontram imersos em nossos legados historiográficos como humanidade, ou seja, somos definidos como seres auto construtivos e comunicativos, em virtude da existência de uma linguagem que é possibilidade. A linguagem é usada para transmitir informação e coordenar as interações humanas, porque os falantes compartilham em grande medida um contexto cultural ou experiências comuns, conhecemos com maior precisão a que realidades se referem os termos linguísticos que empregamos. Porém, a correlação nem sempre é perfeita, é possível que exista tergiversações ou problemas de interpretação.

É um fato que cada comunidade, que construiu uma cultura, ciência e mundo, o fez



por meio da transmissão de elaborações conceituais expressadas pela linguagem, pois, tudo exige sentido. Portanto, todo tipo de conhecimento é estruturado e modificado por fonemas. Dessa maneira, a realidade que capturamos através da linguagem, ou seja, nossa construção ontológica e pedagógica é essencialmente discursiva (Grondin,1999). Por esse motivo existem duas visões pedagógicas que se chocam entre si, a primeira chamaremos de pedagogia do egoísmo e a segunda de pedagogia do altruísmo.

A pedagogia do egoísmo tem em sua raiz uma ideia antropológica que nos descreve como sujeitos racionais egocêntricos e extremamente incongruentes, com um raciocínio limitado. Quando a razão se reduz a algo sem sentido ou consciência, a nomeamos de razão instrumental, porque é uma razão mecanicamente calculadora. A lista de contradições neste modelo nos faz ver como humanistas, mas ao mesmo tempo como dogmáticos, às vezes relativistas e geralmente totalitaristas.

Quando nos encontramos governados pela atividade econômica, política e tecnológica também encontramos desfigurados, destituídos de interpretação e constituídos pelos fragmentos de linguagem. A burocracia e a tecnocracia nos levam a um mundo ambivalente e paradoxal, cuja essência é a crise. No meio dessa crise desenvolvemos um trabalho docente diante de uma escola que se constitui como eficiente meio do sistema. Estamos tentando relacionar aqui, que a existência de uma crise de linguagem também é a existência de crises de sentido, de horizonte e de rumo, porque onde existe crise de palavras também existirá crise da pessoa humana e, portanto, do mundo.

Essa crise nos desenha como sujeitos antropológicos sem identidade, em que perdemos a memória dentro de um contexto que não contempla nenhum horizonte simbólico. Nessa conjectura, somos seres obscurecidos, incapazes de julgar o correto e incorreto ou bom e mau. Deste ponto de vista nossa conexão vocacional como docentes é um horizonte intransponível. A escola se transforma em uma academia sem consciência e a competição é sinônimo de sobrevivência. Perder o horizonte significa perder uma consciência ética, portanto, não podemos contemplar nem ver claramente como a subjetividade se desenvolve em meio à uma objetividade reduzida: estamos reduzidos a estatísticas, indicadores e quantidades. Esta ideia antropológica pode ser definida como uma visão ampla que nos conduz irremediavelmente à perda de memória ética. Em síntese, essa antropologia do egocentrismo consumado nos ensina como a humanidade está moralmente



doente e em agonia, porque reina a pedagogia do egoísmo.

A segunda visão antropológica chamamos de pedagogia do altruísmo. Essa pedagogia se baseia na ideia antropológica que tem como núcleo o conceito de alteridade (outro). Essa perspectiva permite que nos vejamos como seres humanos altruístas e cooperativos com uma clara identidade de uma memória e um amplo horizonte simbólico, em que a tradição e a realidade são recuperadas.

Em uma pedagogia do altruísmo a conexão espaço-temporal não se encontra obstruída, nem a história está enclausurada, a memória ética permite darmos sentido à nossa existência e identidade cultural. Nessa cosmovisão podemos mudar, inovar e transformar a existência humana. Está referência à pedagogia altruísta se pode definir como uma visão lúdica que nos possibilita abertura ao mundo e ao outro, onde o altruísmo se autoafirma na identidade coletivo-individual da humanidade.

A educação como doutrina é uma maquinaria incongruente que se alimenta de desigualdades socioeconômicas e mercantilistas. O sistema educacional precisa entender que a relação educativa é uma relação de acolhimento e de responsabilidades no sentido de se direcionar ao outro, do contrário tudo que observamos é um totalitarismo que explora burocraticamente e tecnologicamente seres humanos.

Por esse motivo, os docentes devem fazer uso da arte da crítica hermenêutica para produzir uma elevação moral e substancial de todo o sistema educativo. Um mundo cujo objetivo principal é resistir à uma amnésia coletiva do discurso totalitarista, produzindo uma narrativa sustentada pelo poder da linguagem. Uma pedagogia implica que pensemos em um projeto de desenvolvimento legível em termos econômicos reais, construtivistas e prospectivos. Já que a educação é uma relação de acolhimento e de responsabilidade para com o outro.

A educação é ética, porque sustenta uma relação responsável com o outro e contempla à uma pós-modernidade em crise. Assim, como educadores conscientes, descobrimos o outro em todo momento, porque conhecemos uma relação de dignidade que começa com a dignidade da profissão docente. Promover uma reparação ética requer maior iniciativa por parte do estado, maior consciência por parte da sociedade e assertividade a ser fomentada por um estado mediador. Da mesma maneira, os meios de comunicação devem promover uma imagem favorável que ajude a honrar a profissão docente. Devem ser responsáveis com a linguagem e com a informação.



Para além disso, educadores são entes dentro do contexto, porém, são entes vocacionais que transmitem experiências de mundo. A sociedade tecnológica não consegue abarcar ou entender que o educador é aquele capaz de transmitir uma experiência. A pedagogia hermenêutica se traduz em linguagem, história e transformação, portanto, deve ser reflexiva para que educadores possam conhecer e questionar os prejuízos, como seres humanos (Hermann, 2002).

Afinal, o que interessa, para a formação é justamente a ideia de um movimento do ser que volta a si mesmo a partir do outro, movimento esse que é construído por uma passagem que vai do reconhecimento do estranho, tornando-o familiar. Também reflete o movimento da cultura que produz uma intensa e profunda mudança espiritual (Gadamer, 2002). Os docentes, no sentido de formar-se e educar-se, devem ser conscientes que são os primeiros sujeitos da mudança, capazes de reconhecer debilidades, aproveitar as fortalezas e ser capazes de construir uma nova conjectura que seja histórica. A pedagogia do altruísmo se faz presente porque existem líderes autênticos capazes de demonstrar que somos idôneos para forjar verdadeiras mudanças. Educar é dar exemplos sem cessar.

CONCLUSÃO

Devemos encontrar um sentido para nossa existência, nesse contexto, nosso sentido último. Estamos dentro de um contexto que chamamos linguagem-tempo, em que a única coisa que prevalece é um somatório de aprendizagens com as referências históricas da consciência e sintetizados por meio da experiência.

Os educadores se servem de uma poderosa ferramenta: a pedagogia. A pedagogia é experiência, testemunho e memória da finitude. Portanto, deve ser reflexiva para que educadores possam conhecer e questionar seus próprios prejuízos e abandonarem uma lógica que percebe a educação somente por vias quantitativas que não correspondem com a realidade (Hermann, 2002) Os dois pilares de Gadamer, formar-se e educar-se, enfatizam que antes de transformar o mundo precisamos transformar a nós mesmos.

A hermenêutica assume um compromisso com valores da formação humana, podendo oferecer um sentido dignificante para os efeitos de uma cultura altamente tecnificada que atende ao consumismo e ao egoísmo pedagógico. Esta cosmovisão nos



ensina que a educação deve se fundamentar em uma ética discursiva que leva em consideração uma relação responsável com o conceito de alteridade e que por meio de uma atitude crítica é capaz de desmascarar a desumanização e a tecnocracia administrada. Podemos encontrar, assim, um novo sentido para o trabalho docente, que tem sido obscurecido pelos dilemas sociais em um mundo que se mostra em completa crise.

Uma pedagogia hermenêutica em Gadamer aponta uma dimensão altamente cooperativa, como alternativa decente de um mundo egoísta e tecnocrático. Permite-nos descobrir um sentido lúdico do trabalho docente por meio de uma perspectiva altruísta que se constrói sobre a esperança dialética de um patrimônio histórico e cultural que serão transmitidos pela tradição e pela linguagem. Portanto, o próprio sujeito através da linguagem se educa com o outro, traduzem o movimento do próprio educar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. A. O modelo estrutural do projeto hermenêutico como fundamento filosófico da educação. **Ciência e educação**, v. 17, n. 1, p. 235-248, 2011.
- FLICKINGER, H-G. Para que uma filosofia da educação? - 11 teses. **Perspectiva**, v. 16, n. 29, p. 15-22, 1998.
- FLICKINGER, H-G. O fundamento ético da hermenêutica contemporânea. In: OLIVEIRA, A. R.; OLIVEIRA, N. A. (Org). **Fides et Ratio: ferstschrift em homenagem a Cláudio Neutzling**. Pelotas: Educat, 2003.
- GADAMER. **La educación es educar-se**. Barcelona: Ediciones Paidós, 2000.
- GADAMER. **Verdade e Método II**. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GADAMER. **Verdade e Método I**. 8º ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GRONDIN, J. **Introdução à hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: Unisinos, 1999.
- HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.